e dos alunos mostra-se uma preocupação que vem crescendo. Não se trata de buscar culpados, algo recorrente em uma cultura escolar mais antiga, mas na busca por soluções que não excluam o aluno do ambiente escolar ou mesmo segreguem sua participação devido a comportamentos que rompam com regras sociais. As regras de convivência precisam, conforme mostrado na leitura de reuniões pedagógicas e casos de ocorrências reais serem mais bem trabalhadas de forma ampla, com a uma construção coletiva.

O olhar para o aluno em situação de indisciplina primeiramente não pela ocorrência mas na busca pelos motivos que levam o mesmo a apresentar uma conduta desaprovada por muitos. Buscar a verdadeira inserção do aluno e seu devido acompanhamento pela equipe gestora e quadro docente.

Para além dos resultados, se as crianças e famílias interiorizaram a problemática, a escola adquire uma linha de conduta clara e ganha experiência para novos casos e respeitabilidade perante o grupo escolar.

REFERÊNCIAS

ADHEMAR DE BARROS, EMEF. Livro de Reuniões Pedagógicas de 2010. São Paulo.

ADHEMAR DE BARROS, EMEF. Livro de Reuniões Pedagógicas de 2011. São Paulo.

AMARAL, Mônica do. Culturas Juvenis X cultura escolar: repensando as noções de (in) disciplina e autoridade no âmbito da Educação.An6, Col. Lepsi IP/FE – USP 2006. Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100011&script=sci_arttext Consultado em 23/11/2012;

CANTET, Laurent (direção). Entre Os Muros da Escola. 128 minutos França, 2007

CHINOY, Ely. Sociedade. Uma Introdução à Sociologia. São Paulo: Editora Cultrix, 2006;

FONSECA, Vitor da.Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2.ed. rev.aum. Porto Alegre: Artmed, 1995;

HARTLEY, Eugene L. Status social e papel social. In: CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octávio. Homem e Sociedade. São Paulo:Companhia Editoral Nacional, 1970;

MANNHEIM, Karl. Funções das Gerações Novas. In: FORACCHI. Marialice M. & PEREIRA, Luiz. Educação e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

PRÁTICAS PSICOMOTORAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE SÃO PAULO

PALOMA FERNANDA JOÃO MASELLA

RESUMO:

A escola é um local privilegiado para a ampliação e diversificação de repertórios, saberes e conhecimento. Com o fechamento das escolas e a suspensão das aulas, devido ao Coronavírus, notamos que ao regressarem ao ensino presencial muitas crianças apresentavam o desenvolvimento psicomotor comprometido. Sendo assim, este relato teve o intuito de demonstrar as práticas psicomotoras usadas para reduzir os possíveis impactos causados pela pandemia do Covid-19, em crianças de 3 a 4 anos em um Centro de Educação Infantil da PMSP. Notou-se que a psicomotricidade favoreceu as crianças em relação consigo mesmas, com o outro e com o mundo que as cerca, possibilitando-a um melhor conhecimento de seus corpos e de suas possibilidades.

Palavras-chave: Crianças; Psicomotricidade; Educação Infantil; Desenvolvimento; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a crença que bebês e crianças eram seres incompletos, incapazes e carentes fundamentaram propostas pedagógicas e currículos com tendências e pressupostos assistencialistas, compensatórios e preparatórios que consideravam a criança não em sua vida presente, mas como um eterno “vir a ser”. No entanto, felizmente, essas imagens de bebês e crianças estão sendo desconstruídas, descolonizadas e desnaturalizadas (Currículo Integrador da Educação Infantil de São Paulo, 2015).

De acordo com o Currículo Integrador da Educação Infantil de São Paulo (2015, p.10):

“descolonizar a Pedagogia pressupõe o desafio de problematizar as relações entre adultos/as e crianças, o adultocentrismo, compreendendo a condição social e o protagonismo de bebês e crianças na produção das culturas infantis, por meio do exercício cotidiano de refinar os olhares diante do imprevisto, das criações, das engenhosidades e das formas como bebês e crianças transgridem as regras impostas pelos/as adultos/as nos espaços públicos da Educação Infantil”.

Por isso é importante explicitar a forma como enxergamos a criança agora. A concepção de criança que norteia este documento, bem como às práticas contidas nele, perpassa a ideia de que esta é um sujeito potente, dotado de capacidades e potencial para descobrir o mundo por si só, que através das relações estabelecidas com seus pares, constrói, desde o começo da vida, conhecimento, cultura e sua própria identidade. Ou seja, a criança é protagonista de seu aprendizado, uma vez que através de sua curiosidade, experimenta o mundo.

Sabe-se que os avanços e picos de desenvolvimento são bastante vastos a partir do nascimento até o final da primeira infância, que ocorre aos seis anos. É nesta fase, que o cérebro está crescendo e se desenvolvendo mais rapidamente do que em qualquer outro período de suas vidas (Goldschmied e Jackson, 2013). O bebê/criança faz 1 milhão de conexões neurais por minuto construindo novas conexões para dar sentido ao mundo que está a seu redor. Sendo assim é de censo científico que neste período o cérebro é "moldado" a partir das experiências vividas e do ambiente em que a criança cresce. Ou seja, o afeto, a nutrição, o cuidado, as interações com os adultos, as brincadeiras e os estímulos podem ajudar o cérebro a desenvolverse em seu potencial máximo, e isso será levado para a vida toda. Da mesma forma que fatores de risco como a violência, a desnutrição, a negligência, a falta de acesso à educação de qualidade têm um efeito inverso e deixa marcas que serão carregadas por toda a vida (Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2022).

A família é a primeira instituição a servir como molde às crianças e bebês. É no âmbito familiar que as aprendizagens ocorrem através do cotidiano: nos cuidados, na alimentação, nas conversas e interações. Quando o bebê descobre o corpo do adulto referência que cuida dele ao segurar o dedo da mãe ou do pai, manipular o seio de sua mãe, puxar o cabelo ou a barba do pai, agarrar brincos, entre outros momentos de interações, começa a conhecer o outro e a reconhecer suas potencialidades, com isso a consciência de seu próprio corpo cresce (Goldschmied e Jackson, 2013).

Logo, bebês e crianças, desde o nascimento, fazem parte ativa de seu processo de crescimento. É nas interações, onde colocam-se em relação com o outro, com objetos, e linguagens, vão se constituindo como ser (Currículo da Cidade – Educação Infantil, 2019).

Quando segura um chocalho, por exemplo, a coordenação dos movimentos, a força dos dedos para segurar o objeto, a orientação dos olhos que observa o brinquedo, a sensação de colocá-lo na boca faz com que o bebê dê um passo adiante em suas habilidades (Goldschmied e Jackson, 2013).

Ao dominar o engatinhar, que ocorre geralmente entre seis e doze meses, o bebê passa a ter a possibilidade de escolher onde quer ir encorajando-se à novas interações sociais e à exploração de espaços e objetos, aumentando sua habilidade de manipulação, a força física dos músculos da cabeça, pescoço, costas e pernas, a coordenação viso-motora, compreensão espacial e o equilíbrio, habilidades que serão fundamentais para a próxima fase, que será o andar (Goldschmied e Jackson, 2013).

Aprender a andar é uma grande conquista de independência da criança, esta fase inicia-se geralmente entre os 7 meses e 1 ano de idade, mas se concretiza, ou seja, momento em que o bebê já consegue andar sem nenhum tipo de apoio (em móveis, paredes ou mesmo ajuda de algum adulto) em torno de 1 ano e 1 ano e 5 meses. Com 2 anos de idade, a criança já possui uma marcha estabelecida, muito semelhante à dos adultos, apoiando primeiro o calcanhar no chão e depois as pontas dos dedos. A partir disto, experimentação de novas habilidades como correr, saltar, escalar é só questão de equilíbrio e confiança (Goldschmied e Jackson, 2013).

Ingressar em uma escola de Educação Infantil significa aprender a conviver na esfera pública, reunir-se com outras crianças e adultos, participar de distintos universos materiais e simbólicos, compartilhar diversidades e construir perspectivas a partir de pontos de vistas singulares (Currículo da Cidade – Educação Infantil, 2019).

A escola é um local privilegiado para a ampliação e diversificação de repertórios, saberes e conhecimento, bem como um espaço para a construção da sensibilidade e sociabilidade que constituam subjetividades comprometidas com a ludicidade, a educação inclusiva, a democracia, a sustentabilidade do planeta, o rompimento das relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística, religiosa (Currículo da Cidade – Educação Infantil, 2019). Também é muitas vezes, neste território que se têm acesso à espaços amplos, como jardins e áreas externas (pátios, quintais, hortas, etc.) que promovem a movimentação e o contato com a Natureza (Criança e Natureza, 2021).

O fechamento das escolas e a suspensão das aulas presenciais foram algumas das primeiras medidas adotadas para o enfrentamento do novo Coronavírus em todo o mundo. A falta da escola afetou significativamente as relações de sociabilidade e as rotinas diárias por um longo período e de forma inédita, especialmente no Brasil, onde a suspensão das aulas começou em março e não foi retomada no ano letivo de 2020 na maioria das escolas públicas (Vazquez et. al, 2022).

Apesar dos esforços das redes de ensino em assegurar o direito à aprendizagem de bebês, crianças e adolescentes: aulas online,

grupos de pais em redes sociais, adaptação curricular, busca ativa às famílias, entre outros, ficou perceptível que a qualidade da educação também se faz pelas relações entre pessoas, pela socialização e vínculo, e pela vivência no espaço escolar (Criança e Natureza, 2021).

Com o retorno das crianças ao ensino presencial, em 2022 notamos que muitas delas apresentavam o desenvolvimento psicomotor comprometido: na marcha do caminhar, habilidades motoras, baixa autonomia para tarefas simples e insegurança. A maioria das famílias da Unidade, vivem em casas com cômodos reduzidos e sem quintal e as crianças não frequentaram o CEI presencialmente durante o ano de 2020 e 2021, o que pode ter causado tais prejuízos.

Diante das informações acima, este relato tem o intuito de demonstrar práticas psicomotoras usadas para reduzir os possíveis impactos causados pela pandemia do Covid-19, em decorrência do fechamento das escolas, em crianças de 3 a 4 anos em um Centro de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de São Paulo.

DESENVOLVIMENTO

Materiais e Métodos

Trata-se de um relato de caso, realizado por meio de práticas psicomotoras ofertadas às crianças de idade entre 3 e 4 anos que frequentaram um Centro de Educação Infantil da Cidade de São Paulo, entre fevereiro e julho de 2022. A idade escolhida se deve a atribuição da professora ao agrupamento.

Buscou-se práticas que utilizassem recursos já disponíveis na Unidade. A participação das crianças aos contextos foi voluntária, respeitando o interesse e envolvimento delas.

A coleta de dados ocorreu através da observação e da fotografia.

O espaço escolhido para as propostas foi a área externa, a fim de possibilitar mais movimentações das crianças e de ressignificar o território, ampliando as possibilidades deste.

Resultados

A oferta das práticas psicomotoras, objetivou, de maneira geral, propor atividades que trabalhasse a relação entre a mente e corpo das crianças de maneira articulada, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo e psicológico.

Circuito motor

Objetivos: estimular as estruturas psicomotoras, lateralidade, espaço-temporal, equilíbrio, coordenação motora, percepção viso-espacial, sentimento de capacidade.

Materiais: pallets, pneus, madeiras, carreteis, corda; cones.

Os materiais selecionados foram distribuídos de forma a criar um circuito de motor com as seguintes estações: caminhar por diferentes suportes, saltar de diversas alturas, trabalhar o equilíbrio ao andar por barras de madeiras de larguras estreitas, usar a força ao cruzar sob uma corda presa à arvores e passar por uma corda amarrada à cones (Figura 1).

As crianças logo se interessaram em passar pelas estações do circuito, é importante ressaltar que não foi dada nenhuma orientação sobre o que deveriam fazer ou como poderiam. Elas foram estimuladas a pensar e usar diferentes estratégias para realizar suas ações. E ainda, foi possível observar que as crianças mais seguras encorajavam as demais a enfrentar o desafio



Figura 1- Crianças participando do circuito motor

Teia de aranha

Objetivos: estimular o movimento, desenvolver a autonomia, a noção corporal, sentimento de capacidade.

Material: Malha elástica

O cordão de malha elástica foi esticado em forma de teia, com várias voltas entrelaçadas formando diferentes emaranhados em diversas alturas. Para passar pela teia, algumas crianças se agachavam, outras passavam as pernas por cima dos fios, outras passaram de joelho. Nesta prática as crianças também não receberam nenhuma orientação e buscaram formas de ultrapassar o desafio, aumentando sua percepção corporal e ampliando seus movimentos (Figura 2).



Figura 2 – Crianças atravessando a teia de aranha.

Trem de bambolês

Objetivos: estimular o movimento, desenvolver o ritmo no caminhar, a noção corporal, sentimento de pertencimento.

Material: bambolês

As crianças foram encorajadas a colocar o bambolê em volta do corpo e segurá-lo junto com o bambolê do amigo da frente, formando um "trem". Assim, caminharam em fila, respeitando o ritmo do amigo condutor. Nesta proposta, uma criança cria uma possibilidade encaixando os bambolês em uma grelha, passando por eles como em um túnel e é seguida pelos demais colegas (Figura 3).



Figura 3 – Crianças andando em fila, como em um trem. Ao lado, as crianças passam por um túnel de bambolês.

Caminhando sob cadeiras

Objetivos: estimular as estruturas psicomotoras, lateralidade, espaço-temporal, equilíbrio, coordenação motora, percepção viso-espacial, sentimento de capacidade e pertencimento.

Material: cadeiras

As cadeiras foram dispostas em forma de semicírculo, as crianças imediatamente passam a caminhar por cima das cadeiras, respeitando o ritmo do colega que estava à frente. Cada uma anda pelas cadeiras a sua maneira: algumas utilizam o encosto da cadeira como apoio para manter o equilíbrio, outras caminham sem se apoiar. Algumas precisam de ajuda para subir, e logo encontram algum amigo para amparar, outras saltam da cadeira quando completam o circuito, demonstrando muita confiança e percepção corporal (Figura 4).



Figura 4 – Proposta caminhando sob as cadeiras. As crianças caminham a seu modo sob as cadeiras e quando necessário se ajudam.

Argolas

Objetivos: estimular a força e percepção dos pés, lateralidade, espaço-temporal, coordenação motora, percepção viso-espacial, sentimento de capacidade.

Materiais: cadeira, argola e carretel.

As crianças são orientadas a ficarem descalças, sentarem-se em uma cadeira e com os pés colocar argolas que estão no chão em um carretel. É possível notar as diferentes estratégias que as elas criam para realizar a consigna. Algumas utilizam os dedos como pinças, outras apoiam a argola entre os pés. Para outras, o outro pé serviu de apoio para levantar a argola e facilitar a pega com os dedos (Figura 5).



Figura 5 – Crianças colocando as argolas no carretel utilizando os pés.

Pés de latas

Objetivos: estimular a força e percepção dos pés, equilíbrio, lateralidade, espaço-temporal, coordenação motora, percepção viso-espacial, sentimento de capacidade.

Materiais: latas e corda de varal.

As latas foram previamente transformadas no brinquedo pé de lata. As crianças são orientadas subirem nas latas, segurarem nas cordas de varal e caminharem. O primeiro desafio foi de equilibrar-se sob os pés de latas. Após este ser superado, as crianças conseguiram dar pequenos passos usando o brinquedo sustentável.

Esta proposta, foi apresentada mais vezes, e atualmente, as crianças já se sentem seguras para caminhar por percursos maiores (Figura 6).



Figura 6 – Crianças brincando com os pés de latas.

Transferência de bambolês